

A Vinda do Espírito

(16:1–15)

ADVERTÊNCIA CONTRA O ÓDIO DO MUNDO (16:1–4)

Em seu discurso de despedida registrado em João 13:31–16:33, Jesus advertiu seus discípulos sobre o ódio do mundo – não tanto por causa do que o mundo faria aos discípulos, mas porque Jesus não queria que seus discípulos caíssem da fé. Se Jesus não os tivesse alertado, eles poderiam ter ficado tão decepcionados e desiludidos a ponto de abandonar a fé. Jesus revelou o que os discípulos enfrentariam, mas também acrescentou que lhes enviaria um Consolador (“Auxiliador”), o Espírito Santo (veja 15:26). O Espírito os ajudaria de várias maneiras, provendo o que precisassem a fim de que suportassem as provações.

¹Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. ²Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus. ³Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim. ⁴Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse. Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco.

Versículos 1 e 2. A frase **tenho-vos dito estas coisas** (ταῦτα λελάληκα, *tauta lelaleka*) ocorre aqui (16:1) pela terceira vez no discurso de despedida (veja 14:25; 15:11). E aparecerá mais quatro vezes neste capítulo (16:4, 6, 25, 33), totalizando sete ocorrências. Algumas delas também incluem de declarações de Jesus sobre o propósito do seu ensino (**para que**; 15:11; 16:1, 4, 33). Aqui, a cláusula se refere ao que Jesus estava discutindo em 15:18–27, a respeito do ódio do mundo pelos discípulos e pelo testemunho duplo do Espírito e dos discípulos.

O propósito de Jesus ter declarado “estas coisas” era evitar que os discípulos **se escandalizassem**. O verbo σκανδαλίζω (*skandalizō*) significa “causar a própria queda”¹ e só é usado em João neste versículo e em 6:61. Ele aparece em Marcos 14:27, em que Jesus predisse que seus discípulos “se escandalizariam” quando ele fosse preso no jardim do Getsêmani. A respeito disso, Leon Morris comentou: “A tradução de Knox – ‘para que a vossa fé não seja pega desprevenida’ – traz à tona o elemento surpresa envolvido no lançamento da isca de uma armadilha, enquanto a tradução de Berkeley – ‘para que não fiquéis presos’ – enfatiza a metáfora”². Jesus estivera alertando seus discípulos sobre os problemas que eles enfrentariam e queria evitar que eles fossem pegos de surpresa e se desviassem do caminho.

Jesus disse que as dificuldades que em breve surgiriam seriam duplas: 1) os oponentes **expulsariam** os discípulos **da sinagoga** e 2) matariam os seguidores de Jesus, acreditando que com isto estavam **tributando culto a Deus**. A pena de ser expulso da sinagoga parecia já ser aplicada antes, como demonstra o caso do cego de nascença (veja os comentários sobre 9:22, 23, 34). Depois disso, João registrou que muitas das autoridades religiosas creram em Jesus, recusando-se porém a confessar a fé por medo de serem expulsas da sinagoga

¹ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 926.

² Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 614, n. 1. O teólogo inglês Ronald Knox traduziu diretamente da Vulgata. A tradução de Berkeley (1945) tem sido publicada desde 1959 sob o título *Modern Language Bible*.

(veja 12:42, 43). A oposição aos cristãos tornou-se tão forte que, na época em que este Evangelho foi escrito, uma oração especial pronunciando uma maldição sobre os cristãos fazia parte do culto na sinagoga. Conhecida como *birkat ha-minim*, ela continha as seguintes palavras:

Que não haja esperança para os apóstatas.
E que o presunçoso governo seja rapidamente desarraigado em nossos dias. Que os *nozerim* [nazarenos] e os *minim* sejam destruídos num só instante. E que eles sejam apagados do Livro da Vida e assim não inscritos juntamente com os justos.³

Sem dúvida, a intenção dessa declaração era proibir todo e qualquer discípulo de Jesus de participar de cultos na sinagoga. Para um judeu, as consequências disso significavam a exclusão da fraternidade e comunhão (veja os comentários sobre 9:22, 23). Após o estabelecimento da igreja (Atos 2), quando haveria uma clara distinção entre judaísmo e cristianismo, o efeito seria essencialmente fechar as portas para oportunidades de evangelismo. A sinagoga era o lugar ideal para explicar aos judeus como Jesus cumpriu as Escrituras (veja o costume de Paulo em Atos 17:1–3); quem fosse expulso da sinagoga não poderia fazer isso.

Mais grave do que a expulsão da sinagoga seria a segunda forma de perseguição que Jesus mencionou. As palavras de Jesus **vem a hora** fazem alusão a um tempo no futuro em que quem matasse seus seguidores, de fato, pensaria estar fazendo, assim, a vontade de Deus. C. K. Barrett viu nisto mais um exemplo de ironia em João: esses perseguidores julgariam estar prestando culto a Deus, quando “a morte dos cristãos perseguidos é, na verdade, uma oferta a Deus”⁴. Nos Relatos do Evangelho, a palavra traduzida por “culto” *λατρεία* (*latreia*), só tem esta ocorrência. Ela é usada em outras partes do Novo Testamento significando adoração, bem como serviço geral a Deus (Romanos 9:4; 12:1; Hebreus 9:1, 6).

Há exemplos notáveis de zelo equivocado entre os judeus nas atividades de Saulo de Tarso antes de sua conversão (Atos 8:1; 9:1; 22:3, 4; 26:9). O sofrimento de Paulo como cristão é bem resumido em 2 Coríntios 11:23–28. Além disso, Tiago, o

irmão de Jesus, foi apedrejado por instigação do sumo sacerdote⁵. Alguns zelotes militantes consideravam a morte de hereges não só um serviço aceitável a Deus, como também e até um ato de adoração divina. A respeito dos atos de Fineias, ao matar o israelita e a moabita que haviam sido imorais (Números 25:13), o Midrash questiona: “Mas ofereceu ele um sacrifício, para justificar a expressão ‘expição’ neste contexto? Não, porém isto serve para nos ensinar que, quando um homem derrama o sangue do ímpio, é como se tivesse oferecido um sacrifício”⁶.

Embora as referências de Jesus à expulsão da sinagoga e à perseguição violenta (incluindo assassinato) como se fossem um dever religioso refletissem um pano de fundo judaico, o mesmo tipo de fanatismo seria exibido entre os gentios. Por exemplo, Tiago foi executado por Herodes (Atos 12:1, 2). O historiador romano Tácito aparentemente acreditava que a perseguição aos cristãos até a morte era moralmente justificada⁷. A perseguição de cristãos por fanáticos religiosos ou gentios pagãos – seja no primeiro século ou no século XXI – pode até ter sido realizada com sinceridade, porém isso não a torna correta, nem justifica os infratores.

Versículos 3 e 4. A inevitabilidade de futuras perseguições se evidencia na declaração: **Isto farão**. Jesus não estava sugerindo uma possibilidade; ele estava declarando uma certeza: os discípulos sofreriam. Jesus basicamente repetiu o pensamento de 15:21, explicando que o motivo da hostilidade (dos judeus incrédulos, em particular) era **não conhecerem o Pai nem a mim**. Conhecer Jesus como a revelação de Deus é conhecer o próprio Deus (14:7). Os judeus demonstraram que não conheciam a Deus; é por isso que eles não reconheceram que Jesus era a Divindade (7:28; 8:19). Essa oposição a Jesus e aos seus discípulos não decorria de falta de informação, pois as Escrituras testificavam acerca de Jesus (5:39). Além disso, deveriam ter visto Deus nas palavras e obras de Jesus, pois Jesus era a revelação de Deus (veja os comentários sobre 1:18; 14:8–14). Movidos por perversidade e **más intenções**, rejeitaram o conhecimento do Pai

⁵ Flávio Josefo, *Antiguidades* 20.9.1 [200]; veja Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 2.23.

⁶ *Números Rabbah* 21.3. Sobre esta interpretação, F. F. Bruce disse que “essa inferência de modo algum era admitida universalmente entre os rabinos” (F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 326, n. 3).

⁷ Tácito, *Anais* 15.44.

³ Fred Skolnik, “Birkat Ha-Minim”, *Encyclopedia Judaica*, 2a. ed., ed. Fred Skolnik. Detroit: Thomson Gale, 2007, vol. 3, p. 711.

⁴ C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 2a. ed. Filadélfia: Westminster Press, 1978, p. 485.

e de Jesus a eles oferecido; optaram por andar nas trevas em vez de aceitar a luz. Mereciam a culpa por essa rejeição intencional ao Pai e a Jesus.

Novamente, como em 16:1, Jesus explicou o motivo de sua franca advertência: **para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse.** Quando as provações e tribulações ocorressem nas vidas dos discípulos, eles se lembrariam do que Jesus lhes havia dito. A fé deles seria fortalecida mediante a convicção de que Jesus já sabia o que aconteceria no futuro (veja 13:19; 14:29). Em 16:2, Jesus disse “vem a hora”, indicando um tempo no futuro. Aqui ele disse “a hora”, significando a hora dos discípulos. Assim como a hora de Jesus viria, a hora de cada um de seus discípulos também chegaria.

Jesus não falou **desde o princípio** (quando os discípulos começaram a segui-lo) sobre **estas coisas** – os perigos das tribulações que viriam – porque ele estava com eles e podia protegê-los. Ele podia suportar sozinho todos os ataques dirigidos contra eles. Jesus desempenhou esse papel até a hora em que foi preso (veja 18:8, 9). Futuramente, porém, a situação seria diferente, pois Jesus já não estaria com eles. Muito em breve, eles, e não Jesus, seriam os alvos da oposição (veja 15:18–25).

A OBRA DO ESPÍRITO (16:5–15)

⁵Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? ⁶Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração. ⁷Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. ⁸Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: ⁹do pecado, porque não crêem em mim; ¹⁰da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; ¹¹do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado. ¹²Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; ¹³quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. ¹⁴Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. ¹⁵Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

Versículos 5 e 6. O versículo 5 está estreitamente vinculado ao versículo 4. Jesus tinha acabado de dizer: “Eu estava convosco” e daí acrescenta: **Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou.** A situação de Jesus estava para mudar; sua partida ocorreria em breve. “Vou para junto daquele que me enviou” significava o mesmo que “vou para o Pai” em 16:10. Apesar de Jesus dizer: **nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?**, Pedro havia questionado: “Senhor, para onde vais?” (13:36). Certos comentaristas usaram essa aparente contradição para reformular completamente o texto⁸. Outros acham que a diferença se deve à obra de um editor⁹. E ainda outros negam que exista qualquer contradição, baseando-se em detalhes textuais. A melhor solução parece residir no uso do tempo presente em “nenhum de vós me pergunta” (ἐρωτᾷ, *erōta*), denotando o assunto sobre o qual Jesus estava falando naquele momento. Os discípulos tinham perguntado antes; mas não estavam fazendo perguntas quando deveriam. Barrett observou: “A ideia de Jesus partir encheu os discípulos de tristeza; mas se eles tivessem perguntado para onde ele estava indo, e entendessem que era para o Pai, não teriam se entristecido, e sim reconhecido que sua partida traria benefícios para eles”¹⁰. Infelizmente, os discípulos ficaram mui surpresos com tudo o que Jesus revelou e tiveram dificuldade para compreender o que ele estava dizendo.

Por causa das declarações de Jesus, a **tristeza** [λύπη, *lupē*; veja 16:20, 21, 22] **encheu** o **coração** dos discípulos. Em vez de se alegrarem com a glória iminente que Jesus em breve desfrutaria ao lado do Pai, os discípulos ficaram preocupados consigo mesmos e com as dificuldades que enfrentariam após a partida do Mestre. Nesse estado de espírito, eles ignoraram os resultados positivos da partida de Jesus – tanto para eles próprios quanto para o propósito de Jesus ao vir à terra.

Versículo 7. Não é nenhuma surpresa os discípulos terem se entristecido com o alerta de Jesus sobre a perseguição que lhes sobreviria. Jesus, porém, assegurou-lhes que convinha que ele fos-

⁸J. H. Bernard, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John*, The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1928, vol. 1, p. xx.

⁹Exemplificando, essa opinião foi expressa, por Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (xiii–xxi)*, The Anchor Bible, vol. 29A. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1970, p. 710, e George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, vol. 36. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 279.

¹⁰Barrett, p. 485.

se, apesar da perseguição que sobreviria aos seus apóstolos. Jesus prefaciou sua ressurreição com a declaração solene: **Mas eu vos digo a verdade**. Ele havia usado essas palavras antes, quando debateu com os judeus (8:45, 46). Neste contexto, elas tiveram a mesma função que a confirmação dupla muitas vezes registrada por João: “em verdade, em verdade” (veja os comentários sobre 1:50, 51); essa expressão salientava a importância do que seria dito a seguir.

Embora a ideia da partida de Jesus parecesse catastrófica para os apóstolos, além de ser o melhor para Jesus (14:28), também era o melhor para eles. Poderíamos inferir que essa partida beneficiaria o ministério dos discípulos, se eles deixassem de depender da presença física de Jesus. No entanto, Jesus explicou claramente por que “covinha” que ele partisse: **o Consolador não viria**, se ele não fosse embora. Depois que Jesus partisse, ele **enviaria** o Espírito aos seus discípulos (veja os comentários sobre 14:16, 17, 25, 26; 15:26, 27).

A razão por que o Espírito tinha de ser enviado após a partida de Jesus não é explicada. A resposta não é que fosse metafisicamente impossível Jesus e o Espírito Santo ministrarem aos discípulos ao mesmo tempo. João explicou em 7:39 que “o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado”. A glorificação de Jesus envolveu seu sofrimento, morte, sepultamento, ressurreição e ascensão à direita de Deus no céu. Era necessário que essa glorificação acontecesse antes de Jesus enviar o Espírito. Guy N. Woods sugeriu pelo menos quatro possíveis razões para isso¹¹. 1) Com a vinda do Espírito, os apóstolos, como embaixadores de Jesus no reino (a igreja), seriam guiados a toda a verdade (16:13); mas o reino só seria estabelecido depois que Jesus subisse ao céu e se sentasse no trono de Davi à direita do Pai (Atos 2:29–36). 2) O evangelho em sua plenitude só poderia ser pregado após a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus (1 Coríntios 15:1–4); conseqüentemente, a missão dos apóstolos não poderia começar antes desses eventos (veja Lucas 24:46, 47). 3) A missão do Espírito era continuar a missão de Jesus na terra; por isso essa obra só poderia começar quando Jesus já tivesse deixado a terra para voltar para o Pai. 4) A obra do

Espírito não poderia começar sem a consumação do sacrifício de Jesus pelo pecado. Evidentemente, convinha para os apóstolos, e para nós, que Jesus voltasse para o Pai. A próxima fase da obra divina não poderia começar sem que Jesus partisse deste mundo.

Versículos 8 a 11. A quarta declaração sobre o Paracleto é apresentada em 16:7, e a obra do Consolador ou Auxiliador é explicada mais detalhadamente em 16:8–11. O versículo 8 diz que o Auxiliador **convenceria o mundo**¹². Os versículos antecessores, que indicam que os discípulos seriam expulsos da sinagoga e mortos em nome do culto religioso, parecem deixar claro que “mundo” (κόσμος, *kosmos*) denota (mas não se limita a) a comunidade judaica (veja os comentários sobre 1:9, 10; 15:18, 19). De acordo com todos os Relatos do Evangelho, o “mundo” acusou Jesus de blasfêmia e o considerou culpado e digno de morte. Na realidade, o mundo era culpado e Jesus era inocente. A tarefa do Auxiliador era “convencer” ou expor essa verdade a respeito do mundo. Como já foi observado (veja os comentários sobre 14:16), é difícil condensar o significado total de παρακλητος (*paraklētos*) em uma única palavra, pois esse termo tem uma variedade de usos. Embora o Espírito Santo devesse ser um Auxiliador para os apóstolos, sua função mais evidente é descrita aqui: a de um advogado de acusação que convenceria o mundo¹³.

O ministério do Espírito como um advogado de acusação é expresso na palavra ἐλέγχω (*elenchō*), comumente traduzida por “convencer”. Incluindo os usos neste Evangelho (aqui e em 3:20; 8:46), esse verbo ocorre dezessete vezes no Novo Testamento. “Tudo indica que, em todos os casos, o verbo tem a ver com mostrar ao indivíduo seu próprio pecado, geralmente como um chamado ao arrependimento.”¹⁴ O Espírito iria “convencer o mundo”, isto é, expor a real situação do mundo claramente (demonstrando que o mundo é culpa-

¹¹ Guy N. Woods, *A Commentary on the Gospel According to John*, New Testament Commentaries. Nashville: Gospel Advocate Co., 1981, pp. 339–40.

¹² Embora Morris alegasse que “este é o único versículo bíblico que descreve o Espírito realizando uma obra ‘no mundo’” (Morris, pp. 618–19), pode-se argumentar que o caso de Cornélio (Atos 10) é um exemplo da obra do Espírito Santo no mundo (veja os comentários sobre 14:17).

¹³ Bruce escreveu que em João 14 a 16 “o Espírito é apresentado sucessivamente como auxiliador, intérprete, testemunha, advogado de acusação e revelador” (Bruce, p. 302).

¹⁴ D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 534.

do – independentemente de o indivíduo admitir a sua culpa) e chamar ao arrependimento. O Espírito realizaria a sua obra por meio das palavras dos apóstolos, daqueles sobre quem os apóstolos impusessem as mãos e por meio das palavras registradas nas Escrituras até o fim dos tempos. Um exemplo da obra convincente do Espírito foi visto na pregação de Pedro no Pentecostes. Naquele dia, depois de ouvir a mensagem, “compungiu-se-lhes o coração” (Atos 2:37; veja 1 Coríntios 14:24, 25). O papel do Espírito de convencer o mundo diz respeito ao **pecado**, à **justiça** e ao **julgamento**. Essas categorias incluem todos os elementos que determinam a condição espiritual de uma pessoa.

1. O Espírito convence o mundo do **pecado**, como fez Jesus durante seu ministério **porque** [as pessoas] **não creem em** Jesus (16:9). Jesus acabara de se referir ao pecado da incredulidade em 15:22 (veja 1:11; 8:24); a qual está na raiz de todo pecado. A rejeição, condenação e execução de Jesus pelo mundo, sem dúvida, demonstraram essa incredulidade, exposta neste versículo como “pecado”. Ter fé em Jesus é o requisito fundamental para ser aprovado por Deus (Hebreus 11:6). A incredulidade em Jesus traz condenação (3:18, 36). A obra do Espírito foi idealizada para ajudar o mundo a compreender a condição desesperadora de estar sem Jesus, chamar o mundo a arrepender-se de sua incredulidade e levar o mundo a crer em Jesus. Sem ele, não há esperança.

2. O Espírito convence o mundo da **justiça** porque Jesus estava indo **para o Pai** (16:10). Isso pode se referir à falta de justiça do mundo¹⁵ ou à justiça de Jesus¹⁶.

A pecaminosidade do mundo foi enfatizada por Isaías, que comparou as “justiças” do povo de sua época a “trapo da imundícia” (Isaías 64:6). Os judeus (como representantes do mundo) se consideravam justos por obedecerem a inúmeras leis e regulamentos criados por homens. De uma perspectiva, o Espírito convence o mundo da justiça chamando a atenção para o oposto: a injustiça.

De outra perspectiva, o Espírito também convence o mundo com base na justiça de Jesus. Os inimigos do Senhor pretendiam que a sua condenação e morte na cruz demonstrasse ao mundo que Jesus era injusto. Voltando para o Pai, Jesus seria declarado justo, ao passo que o mundo se mostra-

ria injusto. O Espírito, como um advogado de acusação, declara o mundo culpado e Jesus inocente. Ao mesmo tempo, o Pai é defendido como Pai justo (veja 17:25). Paulo disse aos judeus: “Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus” (Romanos 10:3). Jesus era justo num sentido absoluto; somente nele o ser humano pode ser justificado por Deus. O mundo seria examinado e acusado de estabelecer uma justiça falsa.

Jesus era inocente porque ele foi para o Pai: ninguém que é profano pode estar na presença do Pai. Os humanos precisam ser declarados santos para que tenham acesso ao Pai. Depois que Jesus foi para o Pai, os discípulos não o veriam mais. Então o Espírito viria. F. F. Bruce disse: “A relevância da frase ‘não me vereis mais’ parece ser que a partida de Jesus é a condição para a presença do Espírito”¹⁷. Quer a declaração se referisse à morte iminente de Jesus, quer fosse uma alusão à sua ascensão, os discípulos não veriam mais Jesus como o tinham visto nos últimos anos, desde que começaram a segui-lo. No entanto, o Espírito viria, e por meio dele os discípulos dariam continuidade ao ministério de Jesus.

3. O Espírito convence o mundo **do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado** (16:11). Assim como o Espírito convence o mundo de seu pecado e de sua falsa visão de justiça, ele também convence o mundo de sua falsa visão de juízo. Essa frase lembra 12:31, em que Jesus disse: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso”. Embora o diabo parecesse estar vencendo, quando Jesus foi erguido na cruz, a morte de Jesus foi, na verdade, a derrota de Satanás. “O príncipe deste mundo” já está “julgado” (κέκριται, *kekritai*), isto é, condenado. O significado do pretérito perfeito é que Satanás foi condenado e continua condenado. O julgamento do diabo acarretou o julgamento do mundo, pois o mundo submeteu-se ao “príncipe deste mundo” e tornou-se o instrumento que efetivou a morte de Jesus. Ao fazer isso, o mundo estava errado em seu juízo (julgamento) a respeito de Jesus, considerando-o um blasfemador digno de morte. O Espírito Santo convenceria o mundo de ter feito um juízo errado. De fato – assim como seu príncipe, que está condenado – o mundo já está condenado (3:36).

Versículos 12 e 13. A quinta e última declara-

¹⁵ Ibid., pp. 537–38.

¹⁶ Beasley-Murray, p. 282.

¹⁷ Bruce, p. 319.

ção sobre o Paracleto é apresentada em 16:12 e enfoca a continuação da revelação de Jesus. Alguns estudiosos afirmam que este versículo é incompatível com a segunda declaração sobre o Paracleto, em 14:26, segundo a qual a obra do Espírito Santo seria fazer os “discípulos se lembrarem de uma revelação já *concluída* do Senhor na terra”. Esta última declaração, por sua vez, descreve que a obra do Espírito é “comunicar uma *revelação ainda a ser recebida* do Senhor ressurreto no céu”¹⁸. Uma alegação semelhante poderia ser feita sobre 15:15, onde Jesus afirmou aos discípulos que lhes deu a conhecer “tudo quanto” tinha ouvido de seu Pai. A tarefa do Espírito, conforme 14:26, seria lhes “ensinar todas as coisas e lhes fazer lembrar de tudo o que [Jesus] lhes tinha dito”. Nesta última declaração sobre o Paracleto, Jesus falou do futuro, o qual estava além da compreensão dos discípulos naquele momento.

Jesus mencionou que **ainda** tinha **muito que dizer** aos discípulos, acrescentando: **mas vós não o podeis suportar agora**. O verbo equivalente a “suportar” é βασιτάζω (*bastazō*), que significa carregar algo, com a sugestão de um fardo (veja os comentários sobre 12:6). Jesus sabia que os discípulos não podiam receber mais instruções naquele momento; eles ficaram perplexos e dominados pela tristeza decorrente de sua partida iminente. Por exemplo, naquela conjuntura, eles não conseguiriam conceber que a crucificação de Jesus era na verdade um sinal de triunfo, e não de derrota. Somente depois de receberem o Espírito, eles teriam pleno entendimento do significado desse sacrifício. O mesmo poderia ser dito sobre uma série de verdades espirituais que seriam reveladas depois pelo Espírito. Embora Jesus fosse a revelação final de Deus (Hebreus 1:1, 2), ele não explicou pessoalmente todos os detalhes necessários para o ministério dos apóstolos. Deus enviaria o Espírito para suprir todas as necessidades.

Como já ocorreu em 14:17 e 15:26, o Espírito é novamente chamado de **o Espírito da verdade** em 16:13 – não porque a verdade o define como define Jesus, mas porque o Espírito revelaria aos apóstolos a verdade sobre Jesus e o Pai. Nas declarações sobre o Paracleto aqui comentadas, o Espírito foi apresentado como um auxiliador, um intérprete,

¹⁸ Beasley-Murray, p. 283; citando Jürgen Becker, *Das Evangelium nach Johannes: Kapitel 11–21*, Ökumenischer Taschenbuchkommentar zum Neuen Testament. Gütersloh, Germany: G. Mohn, 1981.

uma testemunha e um advogado de acusação; em 16:13, Jesus citou três funções do Espírito no papel de revelador.

1. A obra do Espírito como revelador seria **guiar** os apóstolos **a toda a verdade**. Uma variante textual ocorre neste trecho em relação à preposição que antecede “toda”. Alguns textos trazem a preposição εἰς [*eis*; *a, até, para*], enquanto outros trazem ἐν [*en*; *em*]. A diferença básica dessas variantes é que a primeira sugere a verdade *ainda a ser revelada*, e a segunda sugere a verdade *já revelada*. Bruce M. Metzger concluiu que a preposição *en* (“em”) é a melhor opção e que *eis* (“a”) teria sido introduzida por copistas¹⁹. Barrett, que aceitou a variante *en*, disse que a passagem “sugere guiar em toda a esfera da verdade”²⁰.

Jesus é a verdade, como afirma 14:6; ele é a personificação da verdade. A verdade que o Espírito revelaria não era uma verdade além daquela já ensinada por Jesus; era uma complementação da revelação da verdade vinculada a Jesus. Jesus é “toda” verdade; não há outra verdade. Jesus havia revelado a verdade aos discípulos, mas a capacidade deles de entender era limitada.

Portanto, a tarefa do Espírito era guiar os discípulos para que desvendassem as profundezas a profundidade da verdade personificada em Jesus. O Espírito iria “guiar” (ὁδηγέω, *hodēgeō*), ou guiá-los no “caminho” (ὁδός, *hodos*) e na “verdade” (ἀλήθεια, *alētheia*) mencionada em 14:6: Jesus é “o caminho” e “a verdade”. O Espírito capacitaria os discípulos a entender completamente a verdade absoluta, a qual é o próprio Jesus. No decorrer de seu ministério, os discípulos trabalhariam sob a orientação divina realizando a obra que Jesus lhes havia confiado. Eles, bem como aqueles a quem ministrassem, teriam a certeza de que a mensagem que proclamavam procedia de Deus. No Antigo Testamento, o salmista ansiava por ser guiado por Deus (Salmos 25:4, 5; 143:10) e Isaías descreveu Deus guiando o seu povo pelo Espírito Santo (Isaías 63:14). Fílon de Alexandria, comentando Êxodo 16:23, disse: “A mente [de Moisés] não poderia ter sido tão certa, se não houvesse também o espíri-

¹⁹ Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2a. ed. Stuttgart: German Bible Society, 1994, p. 210.

²⁰ Barrett, p. 489. Em Português, a maioria das versões optaram por “a toda a verdade”, exceto a ACF (Almeida Corrigida Fiel), a KJA (King James Atualizada).

to divino guiando-a à verdade”²¹.

2. O Espírito na função de revelador **não fala-ria por si mesmo**. Ele agiria como Jesus, que só disse e fez o que o Pai lhe mandou dizer e fazer (veja 5:19, 30; 8:28; 12:49). Jesus também disse: o Espírito **dirá tudo o que tiver ouvido**. O Espírito não traria nenhuma mensagem nova, só traria entendimento da revelação divina em Jesus Cristo. O Espírito lembraria os discípulos do que Jesus havia ensinado durante seu ministério pessoal e esclareceria a sua mensagem. Isto deixa claro que a tarefa do Espírito não seria *dar origem à verdade*, e sim *revelar a verdade*. Qualquer alegação de que o Espírito hoje revela alguma verdade oculta jamais ouvida antes não tem apoio bíblico; além disso, essa alegação nega que a Bíblia seja completamente suficiente (veja 2 Timóteo 3:16, 17). O fato de o Espírito comunicar aos apóstolos somente o que ele ouvira implicava necessariamente a continuidade da obra divina.

3. O Espírito no papel de revelador também **desvendaria as coisas que [haveriam] de vir**. Não se deve entender que essa tarefa dizia respeito ao futuro imediato dos apóstolos, isto é, os acontecimentos relativos à morte, ressurreição e exaltação de Jesus; pois o Espírito só viria depois que Jesus fosse glorificado (7:39). A expressão, então, só pode se referir aos acontecimentos ocorridos após o primeiro Pentecostes depois da ressurreição de Jesus (veja Atos 2:1–4). Na opinião de muitos estudiosos, essa declaração se refere ao ministério profético dos apóstolos; daí lhe atribuírem um significado escatológico. J. H. Bernard comentou: “Há uma sugestão de previsão apocalíptica das Últimas Coisas...”²² Em apoio a essa visão, aponta-se para o notável exemplo do Livro de Apocalipse. O fato de João ter escrito Apocalipse pode parecer corroborar essa ideia, porém essa visão não se encaixa no contexto deste Relato do Evangelho. O mais provável é que “as coisas que hão de vir” fosse uma referência à “nova ordem em virtude da partida de Jesus”²³. Nesse caso, Jesus estaria falando de todo o sistema do cristianismo, que se consolidou com o estabelecimento da igreja. Isso incluiria todos os resultados do ministério e da glorificação de Jesus. O Espírito desvendaria toda a verdade e esclareceria aos apóstolos a revelação do Verbo encarnado.

²¹ Filo, *Sobre a Vida de Moisés* 2.48 [265].

²² Bernard, vol. 2, p. 511.

²³ Edwyn Clement Hoskyns, *The Fourth Gospel*, 2a. ed. Londres: Faber and Faber, 1947, p. 487.

Versículos 14 e 15. Nesta última declaração sobre o Paracleto, Jesus chamou a atenção para a identidade pessoal do Espírito, usando o pronome demonstrativo traduzido por **ele** (ἐκεῖνος, *ekeinos*) pela quinta e última vez (14:26; 15:26; 16:8, 13, 14). Anteriormente, Jesus havia dito que o Espírito ensinaria todas as coisas aos discípulos (14:26) e daria testemunho de Jesus (15:26). O Espírito convenceria o mundo do pecado, da justiça e do juízo (16:8) e guiaria os apóstolos a [em] toda a verdade (16:13). Aqui Jesus declarou que a tarefa do Espírito seria **glorificar** o Filho. A missão do Espírito é guiar as pessoas até Jesus. Toda teologia que se concentra exclusivamente no Espírito ignora o propósito da missão do Espírito. Merrill C. Tenney comentou:

...qualquer movimento que tenha a pretensão de ser conduzido pelo Espírito, mas que se concentra no fenômeno do Espírito, no lugar da pessoa de Cristo, desmente suas próprias alegações. Tal como o servo de Abraão, o Espírito promove a causa de outro, não a sua.²⁴

Assim como o Filho glorificou o Pai em sua obra, durante seu ministério pessoal (veja 7:18; 17:4), o Espírito, através de sua obra, glorificaria o Filho. Ele faria isso desempenhando o papel de revelador; pois Jesus disse: **Ele... há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar**. O Espírito receberia tudo o que Jesus havia ensinado em palavras e ações e mais. Ele deveria “anunciar” aos apóstolos o significado dos ensinamentos de Jesus. Acima de tudo, ele anunciaria tudo sobre a revelação de Jesus, quem ele era, seu caráter e sua missão. Vimos, ao longo deste Evangelho, que cada palavra que Jesus disse e cada ato que ele realizou vinham do Pai (veja 13:3); o Pai comissionou tudo o que Jesus deveria dizer e fazer. “O que é meu” compreende, portanto, tudo o que o Pai tinha dado ao Filho, incluindo a revelação do próprio Pai. Jesus disse: **Tudo quanto o Pai tem é meu**. Ao revelar a pessoa e a obra de Jesus, o Espírito ao mesmo tempo tornaria conhecido o Pai, porque o Filho era a revelação do Pai. A cooperação entre as Pessoas da Divindade – três personalidades distintas (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) – se evidencia na obra da revelação. A revelação de Jesus por intermédio do Espírito, de forma alguma, excluiria o Pai. O que pertencia ao Pai também pertencia ao Filho; e tudo o que o Filho tinha, o Espírito iria **anunciar** aos

²⁴ Merrill C. Tenney, *John: The Gospel of Belief*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 239.

apóstolos. Nisto, o Espírito glorificaria a Jesus e, ao mesmo tempo, ao Pai.

APLICAÇÃO

A Vinda do Auxiliador (16:7)

João 14—16 contém o último discurso de Jesus registrado. Ele foi proferido na noite em que Jesus foi traído, depois de instituir a santa ceia. O público-alvo desse discurso eram seus apóstolos (exceto Judas), os homens que lhe foram mais íntimos durante seu ministério pessoal.

Várias coisas ocuparam a mente de Jesus nessa ocasião, mas ele sempre retomava o assunto do “Consolador”. A palavra grega equivalente a “Consolador”, *παράκλητος* (*paraklētos*), também é traduzida por “Advogado” (KJA) e “Conselheiro” (NVI). Jesus falou desse “Auxiliador” em João 14:16, 17, 26; 15:26 e 16:7–15.

Este assunto é de grande importância porque estava no coração de Jesus, tinha implicações de longo alcance para a religião que Cristo iniciou e para nós hoje. Por isso, precisamos entender o que Jesus ensinou sobre “A Vinda do Auxiliador”.

Apromessa do auxiliador. O substantivo *paraklētos* está relacionado ao verbo *παρακαλέω* (*parakaleō*, “chamar” ou “encorajar, animar”); sendo assim, o Auxiliador que Jesus prometeu seria um encorajador.

[*Paraklētos*] era usado num tribunal para denotar um assistente legal, conselho para a defesa, defensor, advogado. Em~toa, em geral, aquele que pleiteia a causa de outrem, intercessor, advogado, como ocorre em 1 João 2:1, que diz respeito ao Senhor Jesus. Em sentido mais amplo, significa “ajudador, auxiliador, consolador”²⁵.

A definição de *paraklētos* no sentido literal é: “aquele que é chamado para ajudar alguém”, isto é, um “mediador”, “intercessor” ou “auxiliador”²⁶. Isto implica que o “Auxiliador” exerceria o papel ou teria a responsabilidade de consolar, encorajar, aconselhar ou socorrer os seguidores de Jesus.

O próprio texto revela quem esse “Auxiliador” é: o Espírito Santo. Em 14:16, Jesus disse: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco”. A seguir, o versículo 17 identifica esse Consolador como “o

Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”. João 15:26 também fala dele como “o Espírito da verdade”, e 14:26 explica o termo “Consolador”, inserindo o aposto “o Espírito Santo”. O Auxiliador ou Consolador é o Espírito Santo.

Fatos acerca da promessa. Para começar, Jesus disse que o Auxiliador viria de Deus: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador...” (14:16); “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim” (15:26). Jesus também disse que ele enviaria o Auxiliador. Leiamos novamente 15:26. Jesus falou do “Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai” (grifo meu). De acordo com 16:7, Jesus disse: “se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei [o Auxiliador]”.

Jesus acrescentou, então, que o Auxiliador viria depois que Cristo tivesse partido, ou seja, após sua ascensão. Em 16:7, vimos que Jesus disse: “Mas eu lhes digo a verdade: é melhor para vocês que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vocês; mas, se eu for, eu o enviarei a vocês” (NVI). Considerando que Cristo enviaria o Espírito Santo, a implicação é que Cristo estaria onde o Espírito Santo estivesse: no céu. A ocasião em que Cristo “iria” neste versículo corresponde à sua ida para o céu, após a ressurreição e ascensão; de lá ele enviou o Espírito Santo.

Por quanto tempo esse Auxiliador seria enviado? A resposta é: “para sempre!” Jesus disse aos seus apóstolos que Deus lhes daria outro Consolador, e ele estaria com eles “para sempre” (14:16). Jesus disse isso quando seus apóstolos se entristeceram com a notícia de sua partida (14:2, 3). Eles nunca haviam considerado o fato de que Jesus não estaria com eles em algum momento. Essa possibilidade poderia desanimá-los ou amedrontá-los. O que Jesus poderia dizer nessa circunstância para confortá-los? Ele disse que Deus enviaria outro Auxiliador, o qual, diferentemente dele, estaria com eles desde então.

O que o Auxiliador, que seria enviado por Jesus, faria pelos apóstolos? De um modo geral, o Auxiliador faria o que Jesus fez enquanto esteve com os apóstolos. A referência a ele como “outro Consolador” (14:16) implica que ele seria outro da mesma espécie, realizando o mesmo. Jesus havia provido orientação e ajuda aos apóstolos enquanto esteve com eles, e o Espírito Santo proveria essa as-

²⁵ W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr. *Dicionário Vine*. 7a. ed. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 497.

²⁶ Bauer, p. 766.

sistência depois que Jesus voltasse para o céu. Certas passagens de João nos dizem coisas específicas que o Espírito Santo faria.

1. O Espírito Santo guiaria os apóstolos. Ele permaneceria com os apóstolos (14:16, 17), “ensina [a eles] todas as coisas e traz à [sua] lembrança tudo o que [Jesus] disse [a eles]” (14:26). Além disso, o Espírito Santo os guiaria em toda a verdade. Jesus disse que tinha coisas para dizer aos apóstolos que eles não suportariam ouvir naquela época (16:12). Ele continuou a dizer,

Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar (16:13, 14).

Quando o Espírito Santo viesse sobre os apóstolos, eles estariam prontos para toda a verdade que ele revelaria.

2. O Espírito Santo também daria testemunho de Jesus, guiando os apóstolos a/em toda a verdade. Então, os apóstolos também dariam testemunho de Cristo. Jesus disse: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio” (15:26, 27). Quando o Auxiliador viesse, Jesus disse que ele o “glorificaria, porque haveria de receber do que é dele e revelá-lo aos apóstolos” (16:14). A NIV diz: “Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês”. Por causa do testemunho do Espírito Santo sobre os ensinamentos de Jesus, Jesus Cristo seria glorificado.

3. O Espírito Santo convenceria o mundo. Em 16:8–11, lemos que Jesus disse:

Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

A vinda do Auxiliador contribuiria para convencer o mundo de sua pecaminosidade.

O que essas atividades têm a ver com o significado da palavra “Consolador”? Obviamente, o Espírito Santo tomaria o lugar de Jesus no sentido de guiar e dirigir os apóstolos. Isso inclui “consolação”? Sim. Os apóstolos, que antes tinham o Senhor para ensiná-los e responder suas dúvidas,

passariam a ter o Espírito Santo para revelar-lhes a vontade de Deus. Eles não ficariam sem direção. Além disso, a presença contínua do Espírito Santo significava que ele lhes daria poder divino para realizarem a obra que Jesus lhes havia confiado. Também haveria consolação para os apóstolos em saber que, por causa da obra do Espírito Santo, Cristo seria glorificado e o mundo seria convencido do pecado. O trabalho que competia aos apóstolos seria pregar o evangelho e conduzir o mundo à salvação; todavia, pessoas só podem ser salvas quando são convencidas do pecado, e caberia ao Consolador promover essa persuasão.

O cumprimento da promessa. Quando essas previsões se concretizaram? Quando essas promessas se cumpriram? Em que ocasião o Consolador/Auxiliador veio? As promessas de Jesus sobre a vinda do Auxiliador cumpriram-se inicialmente no dia de Pentecostes, conforme registrado em Atos 2. Tudo o que Jesus disse que aconteceria, de fato, ocorreu nesse importante dia.

Jesus identificou que o Consolador/Auxiliador era o Espírito Santo. Em Atos 1:5, pouco antes de ascender, Jesus disse aos apóstolos que eles seriam “batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias”. Essa promessa se cumpriu no início de Atos 2: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar... Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2:1–4). Esse Espírito Santo que desceu sobre os apóstolos era o prometido Consolador/Auxiliador. Como sabemos que ele era o Consolador prometido?

Jesus havia dito que tanto ele quanto o Pai enviariam o Auxiliador, e o Espírito Santo que desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes foi enviado por Deus e por Cristo. Jesus disse: “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneço, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24:49). Eles seriam “revestidos de poder” quando o Espírito Santo descesse sobre eles (Atos 1:8), sendo ele enviado por Cristo segundo a promessa de Deus. Além disso, quando Pedro levantou-se para pregar nesse dia de Pentecostes, ele anunciou que a vinda do Espírito Santo cumpria uma promessa feita por Deus ao profeta Joel: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne” (Atos 2:17). Portanto, de acordo com o que Jesus havia dito sobre a vinda do Consolador, no dia de

Pentecostes o Espírito Santo foi enviado da parte do Pai e do Filho.

O Pentecostes foi a ocasião certa para a vinda do Auxiliador. Jesus disse que ele precisava partir para enviar o Espírito Santo (16:7). Nesse dia de Pentecostes, Jesus já havia partido e voltado para o céu. Encontramos o relato de sua ascensão em Atos 1. A seguir, em Atos 2, lemos que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos.

O que o Espírito Santo fez depois de sobrevir aos apóstolos, no dia de Pentecostes?

1. O Espírito Santo guiou os apóstolos (veja 14:26; 16:13). Quando “todos [os apóstolos] ficaram cheios do Espírito Santo”, eles “passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2:4). Daquele momento em diante, presumivelmente pelo resto de suas vidas, sempre que pregavam ou escreviam, os apóstolos eram guiados pelo Espírito Santo. Cremos que o que Pedro disse no dia de Pentecostes foi inspirado pelo Espírito Santo, sendo tão verdadeiro como se o próprio Deus o tivesse dito.

2. O Espírito Santo deu testemunho de Cristo (veja 15:26, 27). Em conformidade com o que Jesus predisse, quando o Auxiliador, o Espírito Santo, veio, ele deu testemunho de Cristo. Ele guiou a pregação de Pedro no dia de Pentecostes, e o apóstolo pregou sobre Cristo. Ele proclamou que Jesus operou milagres, foi crucificado pelos judeus, tendo sido ressuscitado dentre os mortos, para ser “exaltado à destra de Deus”, e que Deus o fez “Senhor e Cristo”. Pedro disse que os principais fatos sobre a vida, morte, ressurreição e glorificação de Cristo foram todos preditos no Antigo Testamento (Atos 2:22–36). Desse modo, o Espírito Santo – o Auxiliador prometido por Jesus – deu testemunho de Cristo por meio da pregação de Pedro.

3. O Espírito Santo convenceu o mundo do pecado (veja 16:8–11). Além disso, por meio da pregação dos apóstolos, o Espírito Santo tornou as pessoas conscientes de seus pecados. Quando Pedro pregou sobre Cristo, “os corações” dos ouvintes “ficaram aflitos e eles perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: ‘Irmãos, que faremos?’” (Atos 2:37; NVI). Em outras palavras, eles foram convencidos de seus pecados pelas palavras que o Espírito Santo inspirou e quiseram saber o que deveriam fazer para serem salvos.

Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos seus pecados, e recebe-

rão o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38). O Espírito Santo não só os convenceu de seus pecados através da pregação dos apóstolos, mas também revelou o que deveriam fazer para serem salvos: assim que cressem em Cristo, deveriam se arrepender e serem batizados.

A continuidade da promessa. Jesus prometeu que o Auxiliador viria, e o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes. Evidentemente, a obra do Espírito Santo não acabou nesse dia de Pentecostes. Ele continuou a estar com os apóstolos – a fim de guiá-los, dirigi-los e ajudá-los no trabalho para que não ficassem sem liderança. Assim como tiveram a presença de Jesus durante seu ministério terreno, daquele momento em diante tiveram o Espírito Santo para “guiá-los a/em toda a verdade” (16:13). Enquanto pregavam e ensinavam, guiavam as igrejas e escreviam os documentos que agora constituem o Novo Testamento, eles foram conduzidos pelo Espírito. Saber que estavam recebendo orientação divina durante todo o seu apostolado deve ter-lhes proporcionado grande conforto.

E nós? Devemos esperar receber o Espírito Santo, o Auxiliador, da mesma forma que os apóstolos receberam? Podemos reivindicar todas as promessas feitas a eles? Podemos esperar, por exemplo, que Deus nos guie hoje de uma forma miraculosa? O Espírito guia individualmente cada pessoa a toda a verdade como fez com os apóstolos? Ele nos fará lembrar de tudo como fez com os apóstolos?

Alguns pensam que todas essas promessas viviam os cristãos de hoje. Membros de certos grupos religiosos acreditam que, hoje, o Espírito Santo guia os crentes de modo miraculoso, assim como fez com os apóstolos.

Promessas somente para os apóstolos. Todavia, precisamos entender que o discurso registrado em João 14–16 foi proferido para os apóstolos e se aplica específica e principalmente a eles. Há indicações de que o público ouvinte de Jesus nessa ocasião compunha-se somente dos apóstolos e que o discurso de Jesus contemplava diretamente ninguém mais que esses apóstolos:

No texto, há diálogos intercalando todo esse discurso, e os outros interlocutores são sempre os apóstolos. Tomé, um dos apóstolos, tomou a palavra em 14:5. Filipe, outro apóstolo, fez um pedido em 14:8. Judas, não o Iscariotes, outro dos apóstolos, disse

algo em 14:22. Os discípulos (apóstolos) falaram entre si em 16:17 e 18, e falaram com Jesus em 16:29, 30.

Jesus disse: "...há tanto tempo estou convosco" em 14:9, deixando claro que ele estava falando especificamente com os apóstolos.

A referência em 14:16 a "outro Consolador" revela que Jesus tinha sido o Consolador ou Auxiliador pessoal dos apóstolos até aquele momento.

As palavras "vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito" (14:26) dizem respeito ao relacionamento exclusivo de Jesus com os apóstolos.

Jesus disse que Ele os escolheu em 15:16. Essas palavras caem muito melhor aos apóstolos do que a todos os cristãos.

Jesus disse: "e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio" (15:27). Essa declaração se aplica aos apóstolos, que foram comissionados por Cristo.

Jesus disse: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora" (16:12). Novamente, essa fala de Jesus cai perfeitamente bem aos apóstolos.

Em João 17, Jesus orou pelos homens que Deus lhe havia dado (17:6–19), em contraste com o mundo (17:9, 14) e com os que viessem a crer (17:20–24). Portanto, ele estava orando pelos apóstolos.

Essas promessas vinculadas à vinda do Auxiliador foram feitas aos apóstolos. Não devemos esperar que hoje se receba esse mesmo guiar miraculoso de Deus.

Uma possível objeção a esse entendimento é que, se os versículos relativos ao Auxiliador se aplicam somente aos apóstolos, então outros ensinamentos contidos no discurso de Jesus também se aplicam somente a eles. Nesse caso, por exemplo, não poderíamos aplicar a nós, hoje, as palavras de Jesus sobre ele ir preparar um lugar para receber os seus (14:1–3).

A réplica a essa objeção é que o contexto determina se um ensino em particular se aplica diretamente aos cristãos de hoje ou somente à obra dos apóstolos. Com respeito a João 14, podemos concluir que o lugar que Jesus preparou para os apóstolos ele também preparou para nós.

Promessas que se aplicam a nós. A resposta à pergunta: "As promessas que Jesus fez aos após-

tolos sobre o Auxiliador contemplam os cristãos de hoje?" é "sim" e "não". "Não" porque não podemos esperar receber o mesmo guiar miraculoso de Deus. Os apóstolos receberam uma responsabilidade especial; eles tiveram um papel especial no estabelecimento e orientação da igreja do Senhor. Para cumprir sua tarefa, eles precisavam desse guiar miraculoso do Espírito Santo. Entretanto, os apóstolos não tiveram sucessores. Eles foram guiados a toda a verdade (16:13). Passado o período dos apóstolos, nenhuma verdade ficou por ser revelada; por isso, não foi necessário haver mais apóstolos nem outro guiar miraculoso de Deus.

Também podemos responder "sim" a essa pergunta porque o Espírito Santo ainda faz hoje o que fez no primeiro século através dos apóstolos. Os apóstolos participaram da fundação da igreja (Efésios 2:20). Através do ensino deles, a igreja veio à existência e exibiu certas características. Além disso, por meio dos ensinamentos dos apóstolos registrados no Novo Testamento, a igreja continua a fazer o que o Senhor almeja, glorificando a Deus. No primeiro século, Jesus guiou a igreja por meio das palavras ditas pelos apóstolos, hoje ele guia sua igreja por meio das palavras dos apóstolos escritas no Novo Testamento²⁷.

No Novo Testamento, o Auxiliador nos guia a toda a verdade religiosa. Tudo o que precisamos saber para ser salvos, permanecer salvos e agradar a Deus na adoração encontra-se na Bíblia. No Novo Testamento, o Espírito continua a dar testemunho de Cristo. Tudo o que sabemos com certeza sobre Cristo vem do Novo Testamento. E as Escrituras inspiradas pelo Espírito continuam a convencer as pessoas do pecado. Quem lê o Novo Testamento com uma mente aberta aprende que é pecador e que precisam de salvação, assim como no dia de Pentecostes os ouvintes aprenderam essa verdade da boca dos apóstolos inspirados pelo Espírito Santo.

O leitor sincero do Novo Testamento é convencido de seus pecados e da necessidade de um Salvador. À medida que ele conhece a mensagem do evangelho, o Espírito Santo lhe revela, tal como fez com os ouvintes da pregação de Pedro no dia de Pentecostes, que, para ser salvo, ele precisa crer em Cristo, arrepender-se de seus pecados e ser batiza-

²⁷ Paulo está entre os apóstolos aqui (veja 1 Coríntios 15:3–11); outros homens inspirados escreveram seções do Novo Testamento.

do para receber o perdão de pecados.

É consolador saber que o Auxiliador, o Espírito Santo, ainda age no mundo atual através da pregação do evangelho. Não precisamos indagar se ainda recebemos direção do alto. Sabemos pela Bíblia que Deus se importa o suficiente para nos ensinar o que fazer para agradá-Lo. Sabemos que as palavras dos apóstolos são verdadeiras porque o Auxiliador, o Espírito da verdade, os guiou a toda a verdade. Temos na Bíblia tudo o que necessitamos saber para sermos salvos!

Conclusão. O Espírito Santo ainda exerce suas funções através da Palavra de Deus. O poder de

“convencer” ou “persuadir” do Espírito Santo permanece até hoje. Por isso, podemos confiar, ao ensinar e pregar a Palavra de Deus, que algumas pessoas que ouvirem a mensagem do evangelho serão convencidas e se converterão a Cristo.

Se você ainda não foi salvo, você precisa ouvir e responder à pregação da Palavra. Nela e por meio dela, você aprenderá sobre Cristo e como você pode ser salvo. Ouça e obedeça aos mandamentos para crer que Cristo é o Filho de Deus, arrepende-se de seus pecados e ser batizado em Cristo para a remissão de seus pecados.

Coy Roper

Autor: David Lipe
© A Verdade para Hoje, 2022
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS